

Atividades teatrais no Rio Grande do Sul no período entre 1800-1950

BARROS, Grazielle Soares de – Acadêmica Teatro - Licenciatura/UFPEL;
SCHINDEL, Fernanda de Castro – Acadêmica Teatro - Licenciatura/UFPEL;
Orientação: FERREIRA, Taís – Professor Assistente – CeArte/UFPEL.

Resumo

O artigo discorre de forma abrangente sobre o desenvolvimento das atividades teatrais nas principais cidades gaúchas, dissertando, em ordem cronológica, sobre as edificações teatrais, as companhias, locais e forasteiras, que se apresentaram no estado do Rio Grande do Sul e os grêmios fundados para gerenciar e garantir as atividades nas respectivas cidades.

Palavras-chave: Teatro; Rio Grande do Sul; História.

Estudando a história geral do teatro brasileiro, encontra-se como principal centro cultural, a cidade do Rio de Janeiro - capital da República até 1960-, o que interfere diretamente na densidade do dinheiro investido na cidade, possibilitando o maior desenvolvimento dos setores da cultura e do entretenimento.

Há, no entanto, um escasso número de pesquisas e informações sobre os princípios das atividades teatrais no estado gaúcho dessa época. Essa falta cria lacunas e dúvidas sobre a qualidade e quantidade de produções cênicas, bem como da visibilidade das obras e companhias do estado perante o país. Para saciar essas dúvidas, fez-se necessário procurar fontes que se encontravam disponíveis a nosso alcance. Sendo assim, fizemos pesquisas bibliográficas e buscas virtuais sobre o assunto e assuntos tangenciais, como situação política do estado, história geral e imagens das cidades na época.

Dentre os autores que dissertam sobre o assunto focamo-nos em três: Lothar Hessel, Athos Damasceno e Antenor Fischer. O primeiro faz um panorama do teatro no Rio Grande do Sul, voltando-se mais para os edifícios teatrais do que para as companhias e dramaturgos. O segundo escreve sobre o teatro porto-alegrense e publica imagens e documentos relacionados ao assunto. Já Fischer, volta seus estudos para a literatura dramática e o contexto sócio-histórico do estado na primeira metade do século XX.

O estado do Rio Grande do Sul inicia e desenvolve sua fomentação à cultura teatral em 1805. Porto Alegre foi, segundo Hessel (1999), a primeira cidade a oficializar, com a Casa de Ópera, a obrigação de apresentar obras cômicas nas festividades (domingos e aniversários reais), deixando o repertório a cargo do empresário da casa. A Casa de Ópera, segundo Damasceno (1975), foi o único lugar onde se apresentava teatro na capital até 1835.

Apenas em 1838 foi construído outro espaço destinado a apresentações do gênero teatral, o Theatro Dom Pedro II.

Pelotas assume, porém, a qualidade de polo teatral gaúcho com a construção do Theatro Sete de Abril, em 1833 – um ano após a construção do Theatro Pelotense – com o projeto do alemão Eduardo Von Kretschmar e construção de José Vieira Viana; perdendo novamente a posição de principal cidade de maior visibilidade teatral para a capital, em 1858, com a inauguração do Theatro São Pedro.

Foi em Porto Alegre que se formaram, também, as primeiras sociedades dramáticas ou grêmios dramáticos, com a função de coordenar as atividades teatrais e de administrar os teatros. Em 1832, é fundada a primeira sociedade porto-alegrense, Grêmio Dramático, conhecida, segundo Lothar Hessel (1999), como “Sociedade do Teatrinho”.

É graças a essa sociedade que surge a idealização do projeto do Theatro São Pedro, em 1833. Nesse mesmo ano Bagé inaugura o Teatro 28 de Setembro, uma obra do pintor e cenógrafo italiano Ricardo Giovanni. Esse ano é também o ano da primeira sociedade dramática de Pelotas, a Sociedade do Sete de Abril.

Em 1854, João Caetano, ator e o maior produtor de teatro brasileiro da época, vem ao estado, visitando apenas os teatros de Rio Grande e Pelotas. Este fato causa certo “ciúmes” à capital, que esgota seus empreendimentos com a abertura do Theatro São Pedro para competir com as cidades do interior. A Companhia Dramática Teatral, segundo Lothar Hessel (1999), troca, então, seu nome para Companhia Ginásio Dramático Rio-Grandense e passa a coordenar o teatro recém-inaugurado.

Dentre as informações encontradas sobre a época, destaca-se o enorme número de sociedades dramáticas particulares que são fundadas em Porto Alegre, após a abertura do Theatro São Pedro, apesar de demorar quase dez anos para que a primeira delas seja fundada, ao todo somam-se 33 sociedades fundadas no século XIX, segundo Damasceno (1975). Mas esse grande número não resulta em sucesso a todas elas, destaca-se a sociedade Luso-Brasileira, que levou ao palco do Theatro São Pedro inúmeras peças, prestigiando autores nacionais e internacionais.

O Teatro Politeama, inaugurado em Porto Alegre em 1890, mais tarde passa a se chamar Teatro Coliseu, que foi demolido em 1970, por já estar condenado à queda.

Logo depois dessa inauguração, o Rio Grande do Sul passa por um momento político muito importante: a revolução federalista. Esta reflete diretamente nas produções teatrais de 1891 até 1895, visto que alguns teatros, segundo Hessel (1999), serviram como abrigo aos soldados federalistas. Além disso, Damasceno (1975) afirma que por causa desse fato a quantidade de produções caiu muito nessa época.

Somente em 1896 é inaugurado o primeiro teatro de Quaraí, o Teatro João Caetano, que geralmente recebia companhias espanholas e uruguaias, entre as mais famosas estão a companhia Manuel de Nóbrega e a companhia de circo Rosita de La Plata.

Três anos depois, em 1899, a cidade de Santa Maria constrói seu primeiro teatro, o Teatro 13 de Maio, onde se apresentavam, na maioria, companhias italianas. Santa Maria, nessa época, compete com a cidade de Bagé para ser a quarta principal cidade no âmbito de atividades teatrais do estado.

Com o início do século XX, é criada a Academia Dramática Brasileira, em 1916, com o propósito de pesquisar as produções teatrais até a época. Seguida da criação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em 1917, voltando a atenção dos autores dramáticos para temas nacionais, principalmente à comédia de costumes.

Na primeira década do século XX foram construídos dois teatros em Porto Alegre: Teatro Guarani (1913) e Teatro Apolo (1914) (FISCHER, 2007).

Ainda segundo o autor, durante o período de 1900 a 1930, pelo menos 50 dramaturgos exploraram o gênero dramático em solo gaúcho, somando ao total de peças publicadas cerca de 160 obras literárias.

Eis a relação de autores e dramas produzidos, no Rio Grande do Sul, no período de 1900-1930: Frederico Carlos de Andrade: *Os pombos* (1904), *Clélia* (1904), *A denúncia do luar* (1909), *Sangue* (1911) e *Aguaceiro* (1919); Jorge Bahlis: *Coração e dever* (1920) e *No vendaval da vida* [representado pela primeira vez na 'Aliança Católica', em benefício da mesma, em 11 de maio de 1924] (1924);

João Belém: *Corações gaúchos* [premiada em concurso realizado pela Empresa Teatral Sul Brasil Ltda, de Porto Alegre, em 1929, e representada em Santa Maria, em 1934, e, em Porto Alegre, em outubro de 1935, por ocasião das comemorações do centenário da Revolução Farroupilha.] (1929); Pery Borges: *Ingratidão fatal* (1915), *A riqueza do pobre* (1915) e *A dúvida* (1916); João Henrique Vieira Braga: *A honesta* (1915); Loló de Oliveira Brandão: *A fera da montanha* (1921); Zeferino Brazil: *O outro* (1904); Gomercindo Brito: *A casa branca da serra* (1922); Ivalino Brum: *O coração* (1918), *O estrangeiro* (1918), *Rosas do céu* (1919) e *Mártires do amor* (1922); Marcínio Cadaval: *A estóica do civismo* (1919); José Campos Neto: *Traída* (1915); Carlos Cavaco: *A carta anônima ou O veneno dos ciúmes* [depois de representada em todo o Brasil, esta peça, que se intitulava, antes, *A carta anônima*, foi brilhantemente irradiada, na Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro (...), sob a direção artística do grande ator Plácido Ferreira".] (1908) e *Cego de amor* [teve edições em Porto Alegre, São Paulo e duas, em castelhano, em Buenos Aires] (1916); Manuel Faria Corrêa: *Pátria* (1918); Alberto D'Arville: *Dores do erro* (1913); José de Francisco: *O louco* (1918); João de Freitas: *Celibatários* (1925); Eduardo Guimaraens: *A mulher de Don Juan* (1929); Emílio Kemp: *Gente alegre* [Traduzida para o italiano pelo escritor Atila Mariconi, a peça *Gente alegre*, do carioca de nascimento Emílio Kemp (1873-1955), foi representada pela Companhia Lara Della Guardia, em Porto Alegre, em 1918, e em Roma, Milão, Turim e Palermo, em 1922] (1918); Ângelo La Porta Júnior: *Mulher fatal* (1922); Ana Aurora do Amaral Lisboa: *As vítimas do jogo* [Lothar Hessel (1999, p. 161) informa que a peça foi objeto de uma encenação em Taquari, entre 1901 e 1905.] (1900); Ari Martins: *Ironia da sorte ou O romance de um palhaço* (1926), *Amor que regenera* (1926), *Marília* (1927) e *Sacrifício de cego ou Os tirados do lar* (1927); Andradina de Oliveira: *Antônio Conselheiro* (1902); Aurélio Porto: *O milagre* (1906) e *Pátria* (1917); Arthur Pinto da Rocha: *A farsa* (1903), *Vanissa* (1908), *A estátua* (1916), *Entre dois berços* (1920) e *Dilema* (1920); Inocência Romero: *Rosas malditas* (1923); Otelo Rosa: *Dívida de amor* (1908); João Selister: *Uma noite de tempestade* (1927); Antonio Stenzel Filho: *Amor e justiça* (1911); Ribeiro Tacques: *A rajada* (1910) e *Sonho extinto* (1912); Joaquim Alves Torres: *O ultraje* [Representado em Porto Alegre, no dia 04 de outubro de 1901- sobre o machismo](1901), *O dever* [Representado no Teatro São Pedro, de Porto Alegre, nos dias 26 de agosto e 03 de

setembro de 1901 – catolicismo x maçonaria] (1901), *O trabalho* [representado na festa de comemoração dos vinte e nove anos da Sociedade Dramática Particular Luso-brasileira, em 1903](1903), *A falha* (1904), *Cabeça e coração* (1905) e *O lar alheio* (1905); Ezequiel Ubatuba: *Terra de promessa* (1910); Pe. Guilherme Wiesebach: *Calabar* (1907) e *Ambrósio Schupp* (sete dramas em alemão, entre 1903 e 1909 [...]) (FISCHER, 2007, p. 49-50).

Já em relação à comédia, segue a relação de autores e obras:

[...] Pery Borges: *Inocência* (1918), *Idílio entre deuses* (1921), *A xucra* (1924), *A querência* (1924), *Casamento na roça* (1928) e *Batizado na roça* (1929); Zeferino Brazil: *Ester* (1902), *Amores de velho* (1903) e *Pecados de velho* (1909); Gomercindo Brito: *Dorinha não gosta de matutos* (1923) e *Coração gaúcho* (1927); Ivalino Brum: *Como a cousa pega* (1917), *Arrufos que passam* (1918) e *Casamento papudo* [farsa] (1923); Miguel Carminati: *Zé Luís* (1927); Manuel Faria Corrêa: *A tapera* (1923); Rubem Gill: *Primeiro baile* (1910); Euclides Ferreira Gomes: *A boemia* (1904) e *A ceia dos estudantes* [levada à cena no Teatro Politeama, de Porto Alegre, na noite de 16 de julho de 1905] (1905); Emílio Kemp: *O senhor ministro* (1916); Simões Lopes Neto: *Amores e facadas ou Querubim Trovão* (1901) e *Sapato de bebê* (1915); Dolival de Moura: *Genoveva* (1909); Armando Paradedda: *A ceia dos prontos* (1918); Alarico Ribeiro: *A letrada* (1901); Guilhermina Johnson Rocha: *Quarto separado* (1915) e Joaquim Alves Torres: *A ciumenta velha* [representação ocorreu no dia 06 de fevereiro de 1905] (1905) (FISCHER, 2007, p. 106-107).

Além destes, encontramos indícios de pelo menos 13 dramaturgos gaúchos que escreveram fora de seu estado natal e que se dedicaram ao gênero de Revista.

Durante as três primeiras décadas do século XX, segundo Fischer (2007), apenas um texto dramático infantil foi publicado: “A princesa Margarida”, escrito pelo porto-alegrense João Damasceno Vieira. Nos vinte anos restantes ao nosso estudo, foram produzidos, por dramaturgos gaúchos, cerca de 150 peças teatrais.

Eis a relação de autores e peças: Irineu Adami: *Mais forte que a própria vida* [Representado no Círculo Operário Caxiense, em 1949, e em Porto Alegre, dez anos mais tarde] (1949) e *O sineiro da Penha* (1950) [classificada pelo autor como alta-comédia, mas é uma Farsa, única representação, em 1950, no Círculo Operário Caxiense]; Cardoso Filho: *Derrocada* (1944) [publicada como comédia; peça jamais chegou aos palcos, personagens arquetípicas] *Uma mulher na multidão* [classificada como alta-comédia], 1944, e *Amor cigano*, no mesmo ano. Arnold Coimbra: *Os cães estão uivando* (1950); Álvaro Delfino: *Desafio do destino* (1948) e *Estradas sombrias* (1949); Bolívar Fontoura: *E a vida continua...* (1942) e *O alienista* (1945); Hélio da Fontoura: *Episódio da Revolução Farroupilha* (1935); Antonio Gomes de Freitas: *A cavalgada dos farrapos* (1935) e *A verdade* (1940); Mário de Lima Hornes: *Paterna culpa* (1931), *Filhos da miséria* (1931), *Alvorada da fé* (1931), *Maruxa* (1937) e *Mariúcia* (1937); Ari Martins: *A escrava Isaura* (1943), *O amor que não morreu* (1943), *Sangue e areia* (1943), *Maria Antonieta* (1943), *Os mistérios do bairro chinês* (1943), *Sempre em meu coração* (1944), *Os milagres do Padre Antônio* (1947) e *João Sem Nome ou Os filhos do traidor* (1948); Carlos Alberto Minuto: *O perdão da órfã* [primeira de suas três representações realizada na noite de 11 de março de 1933, no palco-salão do Círculo Operário Pelotense, através do Grupo Teatral Luso-Brasileiro.] (1933), *Almas opostas* (1933), *Para sua felicidade* [classificado pelo autor como comédia; representado pela primeira e única vez no palco-salão do Ginásio Gonzaga, de Pelotas, em 15 de dezembro de 1935] (1935) e *Sônia ou o homem que voltou do passado* [única representação, ocorrida no dia 11 de março de 1946, no palco do Teatro Sete de Setembro, de Rio Grande] (1946); Fernando do Ó: *Obrigação de amar* (1935); Circe Moraes Palma: *O assassinato de dona Heloísa* (1942), Félix Contreiras Rodrigues: *Farrapos* (1935) e *Gaúchos* (1935); Lidvino Santini: *Roquezinho, o protegido do Pe. Roque Gonzáles* (1935) e *O triunfo de Anchieta* (1935); Adalberto Pio Souto: *Drama sobre a guerra do Paraguai* [não há registros de que foi apresentado] (1931); e Arnaldo Damasceno Vieira: *Ainda se morre de amor* (1933) (FISCHER, 2007, p. 209-210).

Em relação à comédia, segue a relação de autores e obras:

Eis a relação de autores e peças, do período: Rubem Belém: *Nara* (1940) e *Uma sessão no parlamento* (1947); Germano Bonow F: *O*

fazedor de reis (1941); Pery Borges: *É pra já* (1931), *Trovador de mão* (1931), *Professor de elegância* (1935), *Mendigos milionários* (1938) e *Destinos* (1949); Cardoso Filho: *O homem que sobrava* (1944), *A que soube esperar* (1944), *A nova Salomé* (1944), *Homem, levanta-te!* (1944), *A pensão tem novo dono* [não foi publicada ou encenada, apenas inscrita em um concurso- “Apolônia Pinto”] (1945) e *Terra generosa* (1945); Arnold Coimbra: *Uma virgem no inferno* (1940) e *Pé-rapado* [Representada no dia 23 de dezembro de 1936, no palco do Teatro Sete de Abril, de Pelotas] (1941); Álvaro Delfino: *Sirigaita* (1941), *Mocidade* (1943), *Torre de marfim* (1943), *Dois sujeitos do barulho* (1944) e *Tia Chica* (1949); Bolívar Fontoura: *A mulher* (1945); Mário de Lima Hornes: *Sua Alteza, o príncipe* (1931), *O gramático* (1937), *O escritório do Felisberto* (1937), *Quanto vale uma mulher* (1938), *Uma proeza do Ambrósio* (1940), *Mulher de quem* (1940) e *Ouro negro* (1940); Belmonte Marroni: *O rei do milho* (1940), *Casório encrocado* (1942), *O doutor tira-pele* (1942) e *A ciumenta* (1947); Ari Martins: *Os netos do Policarpo ou “Filhos, filhos e mais filhos”* (1932); Carlos Alberto Minuto: *Delegacia das arábias* [Representada no dia 23 de dezembro de 1936, no palco do Teatro Sete de Abril, de Pelotas] (1936) e *Julião da Glória* (1946); Gastão Nogueira: *Escola de cinismo* (1945); e Sueli de Freitas Prunes: *Cumparcita* (1937) (FISCHER, 2007, p. 237).

É possível observar, portanto, que a produção teatral, bem como as edificações e constituições de companhias e grêmios, não foi pouca ou precária, pelo contrário, o Rio Grande do Sul nessa época foi um grande produtor de teatro, além de ter sim uma preocupação com a qualidade de suas produções, pois de acordo com Damasceno (1975) o teatro local tinha grande prestígio dentre seus conterrâneos.

Há uma ausência, porém, de uma revisão e de pesquisas bibliográficas sobre o assunto, nota-se tal fato pelos poucos materiais e livros que encontramos. Possivelmente, há também a falta de valorização do desenvolvimento histórico das atividades teatrais no estado do Rio Grande do Sul, já que é tão pouco incluído em materiais bibliográficos obrigatórios sobre teatro brasileiro da época.

Referências bibliográficas:

DAMASCENO, Athos; CESAR, Guilhermino; MORITZ, Paula Antônio; CARO, Herbert. *O Teatro São Pedro na Vida Cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Departamento de Assuntos Culturais da SEC, 1975

FISCHER, Antenor. *A literatura dramática do rio grande do sul (de 1900 a 1950)*. Porto Alegre: Tese /Programa de Pós-graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em:

(volume 1)

http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=558 – Acesso em 16/06/12 as 15h57.

(volume 2)

http://api.ning.com/files/z0mFox1dEzxN1TTDLxUiDLA1JCUDydXN9YV7c8jYz6bPel79Q7BX4PT0*ryty1K*7SZc5BgIUrtyg*9y4FICxUyByV6BqiQa/AntenorFischer.pdf <Acesso em 16/06/12>.

HESSEL, Lothar. *O Teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.